

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

Beatriz do Nascimento Camargo
E-mail: beatriz.camargopf@gmail.com

Esta resenha tem como objetivo promover o autoconhecimento e o devido reconhecimento acerca do feminismo negro, que não possui o espaço merecido, tampouco credibilidade por parte da maioria das mulheres, sobretudo as que se encaixam nos nichos cisgênero e branco¹.

‘Quem tem medo do feminismo negro?’ Inicia-se com um longo ensaio autobiográfico inédito em que Djamila recupera memórias de sua infância e adolescência para discutir o silenciamento que sempre sofreu. Foi apenas ao trabalhar na Casa da Cultura da Mulher Negra — onde entrou em contato com autoras que a fizeram ter orgulho de suas raízes — que ela enfim deixou de querer se esconder. Desde então, o diálogo com escritoras como bell hooks, Alice Walker, Toni Morrison e Conceição Evaristo é uma constante.

Djamila procura pontuar as contribuições provenientes do feminismo negro; este que nunca se fez presente na vida de nós, mulheres e negras. Como ela mesma afirma no prefácio de sua obra, que pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos (RIBEIRO, 2018). Ou seja, deve haver equidade racial e de gênero, a fim de tornar-se coletivas as questões sociais que assolam a nossa população em massa, promovendo políticas públicas eficazes, de forma concomitante.

Podemos interligar à implementação e solidificação do feminismo negro a premissa de Viola Davis (DAVIS, 2019), que subverte a lógica epistêmica supremacista da branquitude: Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

¹ O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos. É nesses termos que a filósofa Djamila Ribeiro situa sua produção intelectual, que ela mesma define como indissociável da criação de redes de solidariedade política. Além do aumento da intolerância às religiões de matriz africana, ela ainda aborda temas como os limites da mobilização nas redes sociais, as políticas de cotas raciais e as origens do feminismo negro nos Estados Unidos e no Brasil, além de explorar obras de referência para a teoria feminista.



- A MÁSCARA DO SILÊNCIO

Os efeitos colaterais do racismo são como feridas abertas, que nunca se cicatrizam, porque sempre há uma gota de álcool derramada (nunca acidentalmente; sempre é intencional) que inflama e (re)acende uma chama que não se apaga; se expande e queima de forma avassaladora e destrutiva, gerando cascas de autodefesa, silenciosas, adoecidas e veladas, mas munidas de resistência advinda de muito sofrimento.

Grada Kilomba, pesquisadora e professora da Universidade de Humboldt, faz uma analogia interessante entre a máscara que as pessoas escravizadas eram obrigadas a usar cobrindo a boca e a afirmação do projeto colonial de impor um silêncio visto como a negação de humanidade e de possibilidade de existir como sujeito. Com ela, aprendi que — a máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos (300) anos. — Mas, ainda que sejam caladas e negligenciadas, vozes se insurgem. (Kilomba, 2010).

- UMA MULHER NO PODER INCOMODA MUITA GENTE

Levando em consideração o fato de vivermos em uma sociedade dominada pelo machismo cuja estrutura é patriarcal, não obstante, observa-se o explícito incômodo quando se vê uma mulher, sobretudo negra, no poder. Porque além de termos uma sociedade machista, temos, também, uma que é racista e misógina; os olhares, as falas, os gestos, as expressões faciais, tudo se resume ao racismo.

Eu já havia percebido que uma mulher negra empoderada incomoda muita gente — basta perceber os olhares e os comentários de algumas pessoas quando veem uma que não se curva às exigências de uma sociedade racista e misógina. É muito comum ouvir xingamentos do tipo “Que negra metida”, “Essa negra se acha” ou “Quem ela pensa que é?” quando saímos do lugar que a sociedade acha que é nosso. (Ribeiro, 2018, p.58).

- QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO?

Quem se “prejudica” com o surgimento do feminismo negro? Ou melhor, quem teme a ele? Acho que já sabemos a resposta.



“Enquanto àquela época, mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas.”² (RIBEIRO,2018, p.52)

O feminismo, até então, era feito para assegurar mulheres brancas e elitistas, garantindo seus direitos e legitimando suas vontades. Quando falamos das mulheres negras, quem se prontifica em afirmar que elas, também, são parte da sociedade e merecem o devido respeito? Podemos em paralelo a isso, trazer à tona a premissa “Quem possui apenas aspirações individuais jamais entenderá uma luta coletiva.

- O RACISMO É UMA PROBLEMÁTICA BRANCA?

O racismo advém de onde? Quem estruturou essa questão social que se arraigou em nossos comportamentos e se reproduz tal qual um vírus letal? Vale fazer essa pergunta toda vez que, ao meio do dia, deparamos-nos com crianças que estão em um parque, brincando de forma genuína e descontraída, apenas visando à interação e fortalecimento de laços não-sanguíneos, mas reais e significativos. Quem criou? Quem reproduz? Quem perpetua? Quem causa a problemática por trás do racismo? A branquitude tem influência nisso?

Branco não é uma cor. Porque branco não é uma cor, é uma afirmação política, assim como negro. Representa uma história de privilégios, escravidão, colonialismo, uma realidade cotidiana. A mudança começa pela autodefinição e pela importância disso. É necessário desmistificar essa hierarquia.³ (Kilomba, 2016, p.110).

- FEMINISMO NEGRO PARA UM NOVO MARCO CIVILIZATÓRIO

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e sexista, para refutá-la e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que

² A relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do 111 Encontro Feminista Latino-Americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros coletivos de mulheres negras, época em que aconteceram alguns encontros estaduais e nacionais de mulheres negras.

³ Mais uma vez tem a ver com a desmistificação. Racismo tem a ver com poder e privilégios. A população negra não tem poder historicamente. Racismo é uma problemática branca, portanto temos que começar pela desmistificação. Dentro de comunidades marginalizadas pode haver preconceito, isso é uma coisa, mas o poder é a definição do racismo. Por sermos vistas como diferentes e por essa diferença ser considerada problemática, ficamos de fora das estruturas de poder. Esse é o racismo estrutural, institucional, acadêmico, do dia a dia etc.



temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. (hooks, 2016, p.122).

Essa citação de bell hooks sintetiza a importância do feminismo negro para o debate político. Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras possibilidades de existência.

A pesquisadora Grada Kilomba afirma:

Por não serem nem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supracista branca. Representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca a si mesma [...] Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas nem homens, e exercem a função de outro do outro. (Kilomba, 2016, p.125)

“Em uma sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” (Ribeiro, 2018, p.127).

O feminismo negro necessita existir, a fim de acolher e representar quem sofre há mais de 400 anos as consequências de uma época colonial que se faz presente nos dias atuais, perpetuando comportamentos e pensamentos hegemônicos.

O movimento é negro, o futuro é negro, e a esperança, também, é negra.

DA AUTORA

Djamila Ribeiro nasceu em Santos, Djamila Taís Ribeiro dos Santos nasceu em Santos, São Paulo, no dia 1º de agosto de 1980. Mestre em filosofia política pela Unifesp e colunista das revistas Elle e CartaCapital on-line, foi secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da Cidade de São Paulo. Coordena a coleção Feminismos Plurais, da editora Letramento, pela qual lançou o livro “O que é lugar de fala?”.

Filósofa, ativista social, professora e escritora, ela se tornou uma figura importante no combate ao racismo, e em seus debates e obras traz à tona o racismo estrutural, aquele que está tão enraizado na sociedade, enquanto herança dos tempos



da escravidão, que chega a passar despercebido. Djamila também é militante da causa feminista, e defende que precisamos repensar o movimento no contexto brasileiro, já que a cada cinco minutos, uma mulher é agredida no Brasil, e os casos de estupro e feminicídio têm ganhado cada vez mais visibilidade, provando que a violência de gênero é uma realidade e medidas duras precisam ser tomadas para evitá-la.

No que tange à causa feminista, inclusive, Djamila tem um discurso que atrela o assunto a pautas sociais e ideologias distintas. Em muitos dos seus trabalhos, como no livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, ela aborda as singularidades da discriminação contra as mulheres num contexto onde o preconceito racial também está presente.

LIVROS DE DJAMILA RIBEIRO PARA LER HOJE

Confira as obras que a ativista já lançou.

- *Pequeno Manual Antirracista.*
- *Cartas para minha Avó.*
- *Quem tem medo do feminismo negro?.*
- *O que é lugar de fala.*